

A primeira prática de si: o cuidado, o meu corpo e a secreção.

Antonio Gonzaga Amador, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA/UFF).

Resumo: O trabalho apresenta uma reflexão sobre os meus processos artísticos tendo como recorte a metodologia e a experiência estética de um trabalho autoral. Com Foucault delimito o conceito de cuidado de si e penso quais são as possibilidades de operar uma prática artística como um exercício constante e rigoroso para consigo. O corpo será a matéria prima para o início desse exercício. Tal condição colocada para a investigação gera uma duplicidade: usar o corpo como produtor de práticas que o toma como agente e objeto. Uno irá me ajudar a escavar meu próprio corpo. Por fim, abordarei o processo artístico e a metodologia do trabalho autoral e o que ele reverbera conceitualmente durante sua produção. Para isso, irei articular meu pensamento com Calvino e com Artaud.

Palavras Chaves: Cuidado; Corpo; Processos; Método

The First practice of self: The Care, my body and secretion.

Abstract: The work presents a reflection on my artistic processes having as focus on the methodology and aesthetic experience of an authorial work. With Foucault I delimit the concept of the care of self and think about the possibilities of operating an artistic practice as a constant and rigorous exercise for yourself. The body will be the raw material for the beginning of this exercise. Such a condition placed on research generates a duplicity: to use the body as a producer of practices that take it as agent and object. Uno will help me dig my own body. Finally, I will approach the artistic process and methodology of authorial work and what it reverberates conceptually during its production. For this, I will articulate my thoughts with Calvin and Artaud.

Keywords: Care; Body; Processes; Method

O cuidado é um dos conceitos mais difíceis que eu já me propus a tratar. Foi de propósito. O uso linguístico da palavra é muito amplo e o que vai circunscrever o seu sentido será o nosso uso e o contexto no qual estamos inseridos. Não podemos cuidar disso mais tarde, é preciso de um cuidado especial com a palavra.

Utilizo a palavra cuidado no seu sentido terapêutico e medido. Zêlo, atenção, preocupação, ponderação, tratado, calculado, podem ser possíveis sinônimos para a palavra. O cuidado também será de um caráter prolongado. Para se ter o devido cuidado com algo, é preciso de tempo. Pense no cuidado com uma planta. Os dias que deve ser regada, a quantidade de sol que deve tomar, os nutrientes na terra onde está plantada. Um exercício constante e diário.

Não estou cuidando de uma planta, pelo menos não nesse texto. Estou cuidando de mim. Meu primeiro movimento é pensar o que seria esse cuidado sobre mim mesmo. Sou jogado de solavanco a um autor clássico na minha perspectiva, Michel Foucault, o qual trabalhou o conceito de cuidado de si a partir de outros autores clássicos, na perspectiva dele. Apresenta-a da seguinte maneira:

“O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira: [...]. O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.” (FOUCAULT, 2010, p. 9)¹

Foucault coloca nesse excerto dois significados para o cuidado de si. O primeiro ele imputa um sentido espaço-temporal. O cuidado de si é o “primeiro despertar”, “os olhos se abrem”, sai-se “do sono e se alcança a luz primeira”. Essa imagem de um momento, um lugar e um tempo que é definido na sua indefinibilidade, simplesmente porque isso pode acontecer a qualquer momento. Concluímos que o cuidado de si, para cada pessoa, pode acontecer a qualquer hora e lugar.

O segundo significado, o autor lança o conceito diretamente nos nossos corpos, na nossa carne. Afirma que o cuidado de si é uma ferramenta de condução, de ação aguda, que através da carne é “cravada na sua existência”, e se porta para ser “um princípio de permanente inquietude no curso da existência.”. Percebo nessa parte uma forte ênfase no corpóreo na estrutura do cuidado de si. Não é apenas um conceito teórico, mas também uma atitude prática, que implica diretamente o corpo e, conseqüentemente, reverbera na existência. O cuidado estará vinculado a uma

¹ FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

condição de disciplina e rigor para consigo. A Prática é constante e imbricada eticamente.

O mesmo Foucault, dois anos depois, coloca o cuidado de si e suas condições nas seguintes palavras:

“Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência - a techne tou biou sob suas diferentes formas - nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática.” (FOUCAULT, 2017, p. 56)²

Posso confessar que esse foi o momento das minhas leituras que “saí do sono” e alcancei “a luz primeira”. Ler um clássico que também está lendo seus clássicos e constatar que nessa empreitada, outros partilham com você a caminhada. Encontro aqui um refúgio contra meu próprio ego. Ser objeto de si próprio, se pesquisar, olhar para si com mais cuidado pode ser bastante nocivo a ponto de esquecer que você vive em um mundo compartilhado. Há de se ter uma medida. Entender que outros já realizaram o exercício que faço agora é um meio de evitar sentir-me melhor que eles. Não há um juízo de valor nessa prática. Há apenas a prática e seu aprendizado. “A arte da existência”.

Posto toda essa escrita, coloco-me a investigar o meu corpo. Há uma extensa literatura a respeito do corpo, eu as separo em duas categorias: as que eu li e as que eu irei ler. Dentro da categoria das que li, faço um novo recorte: as que pensam o corpo em uma prática e as que pensam o corpo em uma teoria. Tenho o profundo interesse em conversar com os escritos que pensam o corpo em uma prática. Aqui seleciono um excerto do autor kuniichi Uno, no qual escreve sobre o corpo:

“De certo modo, o corpo é um fato ou fenômeno completamente banal. Não há ser mais comum do que o corpo, porque uma pessoa não vive sem um corpo. Mesmo o ser mais espiritual precisará de um corpo para ser espiritual; espiritualmente corporal. Mas o corpo não é um objeto puro, já que, ao mesmo tempo que temos um corpo, nós somos simultaneamente esse corpo ele mesmo. Nosso corpo é o sujeito indivisível, inseparado de nós, se bem que ele não se

² FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

submeterá jamais inteiramente à nossa observação, ao nosso pensamento, ao nosso olhar.” (UNO, 2012, p. 53.)³

Uno aborda o corpo de uma maneira próxima a como quero iniciar minha investigação sobre o meu próprio. Coloco o meu corpo no centro das minhas práticas artísticas e uso-o como matéria prima para a criação, “porque uma pessoa não vive sem um corpo”. Uma convergência potencial para a “arte da existência”.

Ao mesmo tempo, tal condição que me coloco para a investigação gera uma situação de duplicidade: Usar o meu corpo como produtor de práticas que o toma como agente e objeto, simultaneamente. Essa perspectiva, em um primeiro momento, parece-me confusa e contraditória. Entretanto, nossa própria existência é marcada por essa perspectiva, pois “ao mesmo tempo que temos um corpo, nós somos simultaneamente esse corpo ele mesmo”. Outra passagem de Uno me colocou um ponto crucial com vistas a uma pesquisa sobre o corpo. Um plano físico onde apenas o corpo pode captar. E a escrita que realizo nesse momento é a tentativa de tradução de um pensar com o corpo. Expressar para você o que percebo no espaço “entre” onde os corpos habitam:

“Há uma dimensão que só o corpo pode captar, tanto que o corpo provém dessa dimensão, sob a qual o pensamento não pode ter a visão dominante, uma vez que não é possível para o pensamento dominar um objeto se este objeto está separado de si mesmo. O corpo é esse entrecruzamento do visível e do invisível, do dentro e do fora, do que se toca e do que é tocado. Ele não é uma coisa, nem uma ideia, mas o que faz existir uma coisa e uma ideia para nós.” (UNO, 2012, p. 53-54)⁴

Olho-me para mim mesmo. Possuo dedos e consigo dobrá-los. Com os meus polegares vou tocando os outros dedos. Um por vez, fazendo movimentos circulares vagarosamente. Sinto todos os meus próprios toques. Olho meus pés, agora. Mexo meus dedos e consigo dobrá-los. Levo minha mão direita ao encontro dos meus pés e toco vagarosamente cada um deles. Com o meu polegar toco cada dos meus dedos dos pés, novamente fazendo movimentos circulares vagarosamente. Sinto todos os meus toques, de novo.

³ UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1 edições, 2012.

⁴ Idem.

O procedimento descrito anteriormente é um que realizo toda semana para a verificação de neuropatia diabética. Ele é um exemplo, dentre alguns outros que comentarei depois, ligado diretamente para o tratamento da condição patológica do meu corpo, o diabetes tipo 1. Ele me coloca em uma condição de escuta e atenção com meu próprio corpo, periodicamente. Ao mesmo tempo este procedimento metódico me joga em um estado de análise do objeto que sou, me leva a ter cuidados comigo.

Basicamente todas as formas de tratamento da patologia irão provocar em mim um estado de atenção comigo. Esse estado é gerado devido a dois fatores: Primeiro, se deve ao fato de a doença ser crônica. Logo, não possuímos um remédio ou procedimento cirúrgico que faça meu corpo retornar a seu estágio anterior. O segundo, em decorrência do primeiro, é que os tratamentos atuais são realizados para se minimizar ao máximo as complicações, danos e sintomas provocados pela patologia, vislumbrando um convívio mais saudável nessas condições. Para tal, os tratamentos são sempre periódicos, normalmente diários, provocando uma mudança comportamental no portador.

Retorno aos dedos das mãos. Atento a um detalhe: há pequenos pontos pretos nas pontas. Lembram sujeira, esfrego os dedos e não saem. São buracos. São bem pequenos, o suficiente para uma gota passar. Eu os cavo todos os dias, mais de uma vez por dia. Produzo incontáveis buracos nas pontas dos meus dedos. Na ponta de meu corpo. Faço para me cuidar. É ferindo-me que me cuido. É cuidando-me que vivo.

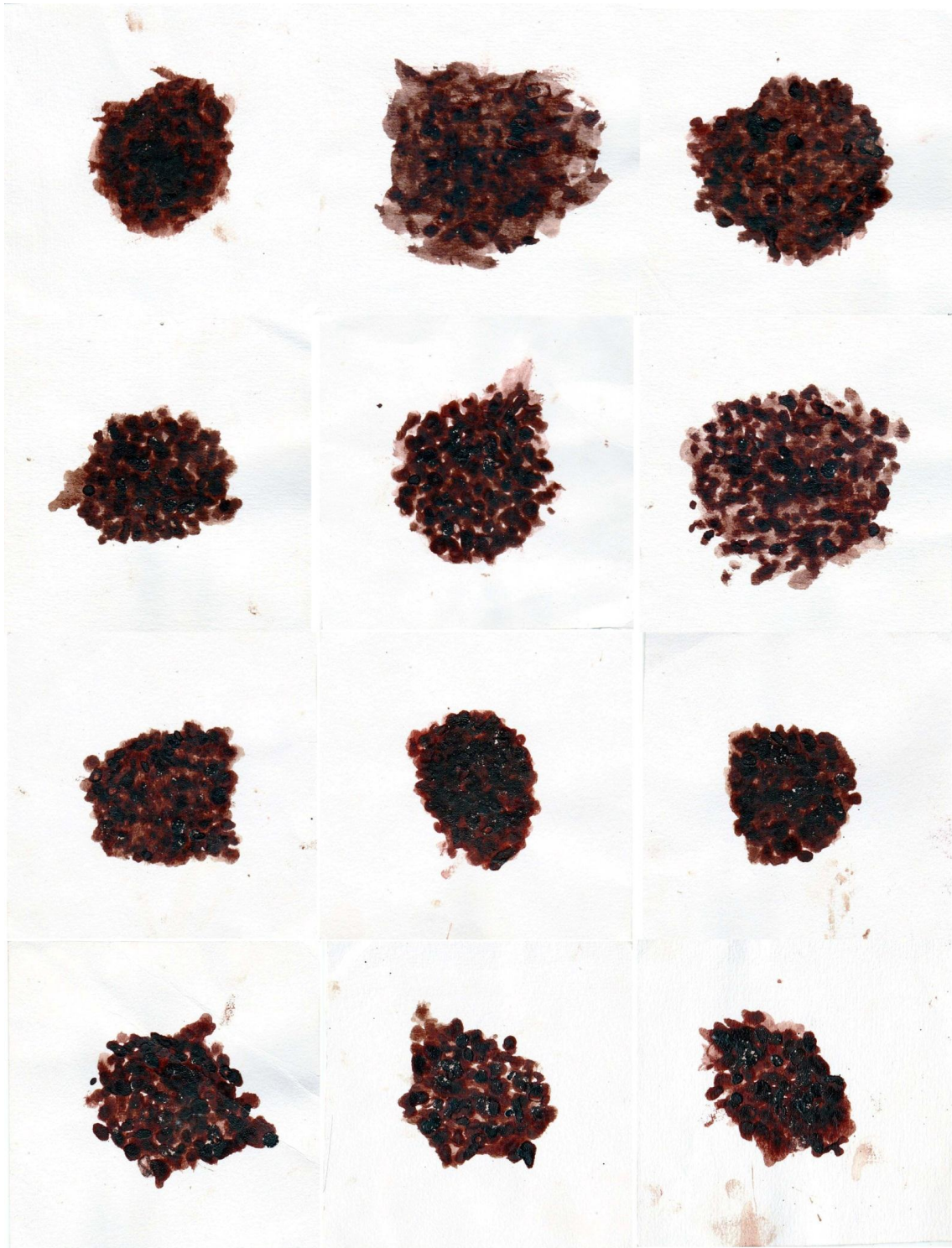
Narro agora o trabalho *Todo sangue que eu tiro do meu corpo para me manter vivo*: Todos os dias eu faço pequenos exames de sangue para a verificação da glicemia como parte de meu tratamento. Realizo em média cinco exames por dia, sempre antes das refeições. Eles são parte fundamental do tratamento, pois, com eles, consigo ter um controle da taxa glicêmica do meu sangue e quantificar a dose de insulina que precisarei tomar para manter minha taxa equilibrada. Assim, é rotineiro presenciar a seguinte cena: sentar para me alimentar em algum lugar, sacar da minha bolsa o medidor de glicemia, furar o meu dedo, realizar o exame e aplicar a dose de insulina. Tão rotineiro que uma pessoa conhecida (não lembro o seu nome, nem se foi apenas uma) me faz a seguinte pergunta, quando tomávamos um café. Você sabe o quanto de

sangue você já tirou na vida? Não soube responder, óbvio. Mas foi o meu primeiro preâmbulo.

Em novembro de 2016, recebo um e-mail de uma amiga, Pollyana Quintella, me convidando a participar de uma exposição coletiva itinerante. Porém, ela colocava uma regra provocadora: O trabalho apresentado não poderia ultrapassar as medidas de 10cmx10cmx10cm. A condição imposta produz em mim a necessidade de pensar o que é (ou pode ser) essa escala diminuta dentro da minha prática artística. Retomo novamente as minhas mãos para olhá-las como escalas. Um jogo surge: A partir dessa escala supostamente pequena, consigo produzir uma representação um para um? Esse é o segundo preâmbulo.

Todo sangue que eu tiro do meu corpo para me manter vivo (fig. 1) é uma duplicata da minha vida em uma escala de um para um no campo real e metafórico. Em janeiro de 2017, comecei a fazer um procedimento que é duplicar a quantidade de todos os exames de sangue que realizo durante o dia e inscrever essa quantidade em um pedaço de papel.

Fig. (1). Antonio Gonzaga Amador, *Todo sangue que eu tiro do meu corpo para me manter vivo*, 2017. Sangue do artista sobre papel, 10cm x 10cm cada papel.



Essa é a quantidade de sangue que se esvaiu do meu corpo no ano de 2017 e onde cada mancha corresponde a acumulação de um mês. Essa também é a contingência de um procedimento de cuidado do meu corpo. Também é o refugo de um método imposto a mim e proposto por mim. Eu preciso retirar sangue do meu corpo para meu tratamento e eu retiro sangue para quantificar todo esse processo. Meu corpo é moldado por um duplo método. Enquanto me cuido, pratico meu corpo.

Faço esse trabalho e algumas palavras surgem na minha frente. Obstinação, exatidão, rigor, necessidade. Todas elas derivam de um sentimento que nasce na prática diária do trabalho. Um sentimento de determinação que vem tanto do meu tratamento como da minha proposição. Determinação que faz com que eu carregue sempre o pedaço de papel comigo. Uma espécie de prótese do meu corpo, igual como posso pensar que meu aparelho medidor de índice glicêmico pode ser uma prótese também. Uma busca pela exatidão no processo.

É impossível não lembrar de Italo Calvino nesse momento. Trago aqui um fragmento da conferência nomeada “Exatidão”:

“Queria lhes falar de minha predileção pelas formas geométricas, pelas simetrias, pelas séries, pela análise combinatória, pelas proporções numéricas, explicar meus escritos em função de minha fidelidade a uma ideia de limite, de medida... Mas quem sabe não será precisamente essa ideia de limite que suscita a ideia das coisas que não têm fim, como a sucessão dos números inteiros ou as retas euclidianas?” (CALVINO, 1990, p. 84)⁵

Ideia de medida, de limite. A exatidão é exposta por Calvino através de processos de repetição, com regras e procedimentos bem definidos e estudados: os matemáticos. Mas surge a dúvida se não é a própria medida, o próprio limite que implicará em “coisas que não têm fim”. Faço o mesmo procedimento todos os dias, várias vezes ao dia. É o mesmo, mas a imagem que se forma na minha frente é mutante. A proposição do trabalho, da minha construção poética, é a emulação do método de tratamento da doença. Uma exatidão metodológica e rigorosa, agora.

O rigor me traz um outro autor que vai discorrer sobre o assunto no campo do teatro. Antonin Artaud no seu texto “cartas sobre a crueldade” definirá o que seria a “crueldade” que formará a ideia de teatro que ele propunha da seguinte forma:

“Pode-se muito bem imaginar uma crueldade pura, sem dilaceramento carnal. E, aliás, filosoficamente falando, o que é a crueldade? Do ponto de vista do espírito, a crueldade significa rigor, aplicação e decisão implacáveis, determinação irreversível, absoluta. [...] A crueldade é antes de mais nada lúcida, é uma espécie

⁵ CALVINO, Italo. **Seis proposições para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

de direção rígida, submissão à necessidade. Não há crueldade sem consciência, sem uma espécie de consciência aplicada.” (ARTAUD, 2006, p. 118)⁶

Artaud abre a possibilidade de pensar de outra forma a palavra crueldade quando proclama que ela “significa rigor, aplicação e decisão implacáveis”. Assim, ele esgarça o sentido da palavra, colocando crueldade para além de uma ação. “Crueldade”, agora, pode agir como um meio, um modo de fazer, uma metodologia. Nessa passagem, lembro-me do agulhão que Foucault diz sobre o cuidado de si. Posso colocar os dois em conversa: O agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, de maneira lúcida, com rigor, aplicação e decisão implacável. Aqui, o cuidar de mim é cruel. É cruel como Artaud escreve. É cruel não porque preciso me furar todos os dias. É cruel não porque eu uso o meu próprio sangue para produzir arte. É cruel porque faço-o todos os dias, submetendo-me a um exercício infatigável de repetição. Preciso fazer todos os dias. Necessito fazer todos os dias. Novamente, um método rigoroso.

Outrossim, o nome todo sangue que eu tiro do meu corpo para me manter vivo é um espaço poético de anúncio do fim do trabalho. Artaud (2006) escreve que “o teatro, como a peste, é uma crise que se resolve pela morte ou pela cura.” (p. 28)⁷. Algo semelhante a isso acontece comigo. Meu processo artístico no trabalho é a emulação do tratamento da minha patologia crônica. Logo, o processo terminará quando não precisar fazer mais esse procedimento. Só acabará com minha morte ou minha cura, literalmente. Ela só se resolverá nesse algo que está sempre a chegar.

Tudo isso foi sobre o sangue que circula no meu corpo e sai para se fixar em papéis: Uma secreção. Livro-me de algo para me cuidar. Preciso tirá-lo de mim para entender melhor o meu corpo, entender-me. Fragmento-me diariamente a fim de me reconstituir com imagem. Perco partes para tomar posse de mim. Por fim, trago novamente Artaud:

“Um homem toma posse de si mesmo por meio de lampejos, e muitas vezes quando toma posse de si não se encontra nem se alcança. Ele não realiza essa coesão constante de forças sem a qual toda criação verdadeira é impossível. Esse homem, no entanto, existe. Digo que ele tem uma realidade distinta e que lhe dá um valor. Vamos condená-lo ao nada sob o pretexto de que ele só oferece

⁶ ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

⁷ ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

fragmentos dele mesmo? Você mesmo não crê e a prova está na importância que dá a esses fragmentos.” (ARTAUD, 2017, p. 37/38)⁸

Um retrato fragmentado que lida cotidianamente com uma condição presente (retirada de sangue), mas só se apresenta como a secreção do acontecimento. O refugo do ato. Um fragmento de mim mesmo.

⁸ ARTAUD, Antonin. **A perda de si: cartas de Antonin Artaud**. Org.: Ana Kiffer. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.